

Papos Tais

1

No meio de tantos assuntos, Alexandre Yudenitsch puxou este das variações em torno de nomes próprios. Como ficou extenso e um pouco fora dos assuntos do ‘Fórum’, mas não sem interesse, achei oportuno fazer este encarte.

Há anos que tenho uma dúvida: Como se chamam nomes como “Sam” (ou “Zé”, ou “Fred”)? Não acho que sejam “apelidos” (como “Sam” para Samuel ou “Dick” para Richard em inglês, “Chico” para Francisco, ou “Pepe” para José em espanhol), e nem um “diminutivo” (como “Chiquinho” ou “Cesinha”), pois é apenas uma ‘abreviatura’ para o nome inteiro...

Demorei um pouco para responder, eu tentei achar o termo que definia aquele tipo de transformação de nomes próprios para algum parecido com apelido. Não achei nada específico. Um termo geral seria “abreviatura”, pelo menos para muitos casos, como Sam/Samuel, Rob/Robert. Mas outros casos não são tão imediatos, mesmo Bob para Robert, ou Ted para Edward. Nesses casos há uma alteração mais profunda que foge um pouco da lógica. Acho que é intencional e, assim como o apelido em geral, não tem boa intenção. É um modo de desprestigiar a pessoa, chamando-a por algo que não é o nome próprio dela. Como tenho implicância com apelidos e com quem os cria para os outros, o termo que eu usaria é também um termo geral, “corruptela”.

Não compartilho de sua antipatia a criar rótulos diferentes dos nomes oficiais para se referir a pessoas, e não creio que, pelo menos em muitos casos, isso tenha por intenção desprestigiar a pessoa assim rotulada. Aí com certeza também estariam os ‘nomes carinhosos’ (o que em inglês chamam de “pet names”), como também os rótulos que são aplicados por crianças, e que muitas vezes acabam superando o nome oficial no âmbito familiar, a ponto de pessoas fora da família pensarem que esses são os nomes verdadeiros. Realmente, pode haver muitas intenções, conscientes ou não, para usar tais rótulos; também tem o caso de chamar alguém pelo nome da cidade de origem, como Lois Lane chamava Clark Kent de “Smallville” na série homônima, ou um colega de trabalho que era conhecido por todos como “Carioca”, a ponto de poucos terem alguma idéia do nome oficial dele (aliás, nesse mesmo local também havia um Carlos Roberto que só era conhecido como Bob, a ponto de aparecer assim na lista telefônica interna). Eu mesmo estou ‘no meio’ desse assunto: É comum as pessoas me chamarem de Alex, achando que isso é a coisa mais natural do mundo.

No passado, eu tentava cortar isso, pois o nome do meu pai era Alex (em russo, “Alexandre” e “Alex” são nomes diferentes, e referem-se a Santos diferentes), mas sabia que era uma tarefa de Sísifo, e depois que meu pai se foi parei de me preocupar com isso. Aliás, você mesmo deve enfrentar o dilema de gente que quer chamá-lo de “Ed”, apesar de isso criar confusão com “Eduardo”, que é o ‘nome oficial’ ao qual essa ‘abreviação’ comumente se refere. E você também deve conhecer a série de animação **Du, Dudu e Edu (Ed, Edd & Eddy** no original), onde essa é a forma de diferenciar 3 amigos todos chamados Eduardo (Edward). Nesse campo, a origem mais curiosa, para mim, é a de “Pepe” para “José”, em espanhol: O nome de São José aparecia seguido de Jesus Christi Pater Putativus, ou seja, o pai putativo (suposto) de Jesus Cristo. Mais tarde, os copistas passaram a adotar a abreviatura JHS PP, e depois simplesmente PP; a pronúncia dessas letras em sequência explica por que José, em Espanhol, tem o apelido de Pepe (“Pepe é um hipocorismo de José”). O nome espanhol Francisco, também grafado Phrancisco, foi abreviado para Phco e Pco, o que explica o apelido Paco. Aliás, o italiano é pródigo nisso, inclusive no mesmo “José/Giuseppe”, que pode ser Giuseppino, Bepi, Beppe, Beppino, Beppo, Geppo, Geppetto, Geppino, Geppy, Nuccio, Peppe, Pepe, Peppenuzzo, Peppi, Peppino, Peppinello, Peppiniello, Peppinetto, Peppo, Peppolino, Peppuccio, Pino, Pinuccio, Pinello, Pinetto, Peppone, Puccio, Seppe, Pinino...

Não sei se assistiu à série **A Amiga Genial**, baseada na quadrilogia napolitana de Elena Ferrante, já com 3 Temporadas (e se não viu ou leu, procure fazê-lo, que vale a pena), centrada na amizade de duas meninas/moças/mulheres, Lenu (Elena->Lenuccia->Lenu) e Lila (Raffaella->Raffaellina->Lina->Lila). Nessa história, até os apelidos são importantes, como escreve Lenu:

“[Ela] se chama Raffaella Cerullo, mas todos sempre a chamaram de Lina. Eu, não, nunca usei nem o primeiro nem o segundo nome. Há quase sessenta anos, para mim ela é Lila. Se a chamasse de Lina ou de Raffaella, assim, de repente, ela acharia que nossa amizade acabou.”

Muito boa sua explicação sobre as alterações de nomes no mundo. Lembrei-me de minha avó chamando a irmã dela de Cotinha. O nome da irmã era Maria, por que Cotinha? A explicação: Maria - Maricota - Maricotinha – Cotinha.

Parece que isto é muito comum, no âmbito familiar, além dos casos de apelidos dados involuntariamente por crianças enquanto estão aprendendo a falar, e que ganha curso na família.

Entendo que há situações em que há um componente afetivo positivo na adulteração dos nomes de pessoas próximas. O caso que você citou do seriado é uma delas. As duas amigas, na infância, num ato de cumplicidade, definiram apelidos para se chamarem. Então o abandono do uso do apelido significaria o fim da amizade. Mas, continuo pensando que na maioria das vezes, a intenção, consciente ou não, é menosprezar, diminuir ou, no mínimo, arrelhar o próximo. O exemplo de colegas de profissão chamando uns aos outros pelo nome da cidade de origem é típico. Principalmente se for uma cidade de interior. E Lois chamava Clark de “Smallville” com a clara intenção de “apequená-lo”, mesmo humilhá-lo (e o nome da cidade ajudava!). Ninguém cria caso com isso, e os colegas aceitam as provocações mútuas em nome da boa convivência profissional.

Este caso pode ser um exemplo de ‘bullying leve’: SE você não se importa com o apelido, tudo bem; se não aceitá-lo é importante para você, a recusa da recusa vira bullying. Tem muito caso de apelido potencialmente pejorativo que a pessoa aceita sem se importar, e vira o nome dela num certo círculo social, até fortalecendo os laços.

Além daqueles casos que citei, tinha no mesmo ambiente de trabalho um técnico, muito bom (e um pouco gordinho) que era conhecido por “Fofinho”; e não achava mal nisso, e ninguém sentia que estava diminuindo a pessoa por chamá-la assim, antes sentia-o como membro (valioso) do grupo, a ponto de estranharem que pessoas de fora relutassem em usá-lo.

Quando ele foi promovido para um cargo de chefia, ninguém mais sabia o nome verdadeiro dele para colocar na notícia. Uma vez, a mulher dele ligou para o trabalho, perguntando pelo nome real, e quem atendeu disse que não havia ninguém com esse nome, e ele devia saber, pois trabalhava lá há anos, aí a mulher dele lembrou, e perguntou pelo “Fofinho”, e aí, sim, conseguiu o contato.

Por que uma pessoa muda o nome da outra, criando-lhe um apelido ou chamando-a por um nome (seja qual for, derivado ou não) que não é o seu? Demonstração de poder. De ascendência. Eu coloco em você o nome que eu quero e você atende. Em criança, sempre que alguém tentava me colocar um apelido e me chamava por ele, eu ignorava. “Ei, eu chamei você, por que você não respondeu?” – “Chama pelo meu nome e eu respondo.”

Lembra daquela história de que se você souber o nome de um demônio, você tem controle sobre ele? Pois é, a criação de apelidos é uma versão mundana, vagabunda e sem muito efeito prático, dessa história.

Quanto aos apelidos serem ‘jogos de poder’, é claro que podem ser, e esse elemento frequentemente está presente, mas acredito que um dos fatores mais fortes que incentivam isso seja a simples ‘preguiça’: “Th, ‘Carlos Alberto’ é muito comprido para falar a cada vez que quero chamá-lo; que tal ‘Cacá?’”. Eu mesmo tendo a procurar uma forma mais fácil e curta de chamar as pessoas, mas sempre procuro saber se a pessoa tem alguma objeção a ser ‘apelidada’, mas confesso que fico com um pouco de bronca por essa pessoa me forçar a usar um nome comprido/difícil a cada vez no caso da recusa – e por isso mesmo aprendi a não achar nada de ruim em alguém me chamar de “Alex” sem quase me conhecer.

Tinha um amigo nos EUA cujo nome era Dave, e ficava irritado com as pessoas que achavam que era uma abreviação, e querendo mostrar respeito o chamavam de “David” (pois “Dave” é como são ‘abreviados’ os Davids, em geral), dizendo “eles querem saber qual é meu nome mais do que eu”.

Também tem o aspecto que poder chamar uma pessoa por algo compartilhado é um sinal de aproximação: Se posso chamar Fernando Henrique Cardoso por “FHC” (e ele atende sem achar mal) devo ter alguma proximidade com ele! É um pouco como chamar alguém como “Sr/a. Fulano/a”, que sempre indica um afastamento (nem que seja por respeito), e não apenas pelo nome.

Na cultura russa, chamavam-se as pessoas pelo nome e patronímico completo, ou pelo sobrenome, e o tratamento devia ser “vós”; com uma aproximação pessoal/social maior, e mutuamente consentida, podia se passar a chamar por um diminutivo do nome e tratar por “tu” (como “você”, na nossa cultura atual). Existe até o ‘ritual’ de “beber pelo tu” entre dois homens que se consideram amigos próximos.

O pai da Elisa Doolittle, em **My Fair Lady**, canta uma ária que descreve bem minha posição sobre este assunto, pessoalmente: “Call me anything you want, just don’t call me late for dinner”.

Muitas culturas têm essa idéia que ‘o nome verdadeiro’ dá poder sobre a pessoa (e não só sobre demônios), tanto que a pessoa recebe um ‘nome social’, para uso geral na sociedade, e outro ‘real’, só para compartilhar com os muito íntimos confiáveis, que não iriam fazer mau uso dele.

O meu nome é Edgard com um “d” no final. Já que assim fui registrado, batizado e ensinado a escrever, sempre fiz questão desse D, ainda que não pronunciável, apenas escrevível. Um amigo de longa data sempre escrevia meu nome sem o D, e isso acontecia em textos que escrevia para jornais e eventos. Depois de um certo tempo, como ele não se tocava sozinho como era a grafia de meu nome, escrevi a ele mencionando a existência da letrinha final. Ele continuou escrevendo meu nome sem “D”. A Lenu já acharia isso motivo suficiente para romper a amizade? Bem, aí veio a internet e o email. E o meu email tem meu nome correto. Então, se ele quiser que eu receba o email, tem que escrever meu nome corretamente. A internet é bem mais implicante que eu.

Não sei se funciona bem assim: Em geral, na internet, a gente simplesmente copia nomes e endereços com “Ctrl-C/Ctrl-V”, e nem nota o quê está escrito neles.

Você pode ter notado que, às vezes, recebe emails meus com meu nome como “Alexander”: É que tenho duas versões do ‘nome/email’ para uso na internet, e no Brasil uso a forma “Alexandre”, que todos entendem e aceitam, e no exterior uso “Alexander”, que soará mais fácil e natural para a maioria (mas às vezes me confundo e troco os dois). “Call me anything you want...”!

Alexandre usou no texto o termo “hipocorrismo”, usado em muitas fontes sobre o assunto. Os dicionários brasileiros, no entanto, registram apenas “hipocorístico”, como adjetivo e substantivo. No “Dicionário Houaiss”, está assim:

hipocorístico *adj.s.m.* (1913 cf. CF²) GRAM 1 diz-se de ou qualquer palavra criada com intenção de carinho e para uso no trato familiar ou amoroso (*papai, mano, benzinho* etc.) 1.1 modificação do prenome (ou qualquer palavra us. antroponimicamente), pela qual se designa carinhosamente a pessoa na intimidade, estentendo-se tb. a animais de estimação (p.ex., *Fafá*, por *Fátima*; *Cacá*, por *Carlos*; *Chaninho*, por *Bichano*) ⊙ USO os hipocorísticos em português – como em muitíssimas outras línguas – apresentam recursos formais característicos, de que se ressaltam aqui os mais típicos: 1) o uso de sufixos diminutivos (*Antoninho, Antoniozinho, Mariozinho, Mariinha, Lucinha, Luisito, Carlito, Marcita, Olguita, Mauroto, Gustaveto, Lurdeta, Franqueta, Paulelho, Sarelha, Julinho, Marquilha, Augustilha, Branquilha* etc.) 2) o uso de sufixos aumentativos (*Marcão, Paulão, Luísão* etc.) 3) o uso de truncamentos ou braquilogias (iniciais – *Costa*, por *Constantino*; *Sebas* ou *Sebasto*, por *Sebastião*; *Cristo*, por *Cristóvão*; *Mari*, por *Marieta*; *France*, por *Francelina*; *Malu*, por *Maria Lúcia*; ou finais – *Tião*, por *Sebastião*; *Nieta*, por *Antonieta*; *Gário*, por *Leodegário*; *Zefa*, por *Josefa*; *Ota*, por *Candiota*; *Lina*, por *Vitalina* etc.) 4) o uso de redobros silábicos [em geral das sílabas tônicas, mas não exclusivamente] (*Lalá*, por *Laura*; *Vavá*, por *Oswaldo*; *Gugu*, por *Augusta, Augusto*; *Lulu*, por *Luís, Luísa*; *Cacá*, por *Carlos*; *Tatá*, por *Epitácio, Tarsila*; *Quinquim*, por *Joaquim*) 5) o uso dos combinatórios dos recursos anteriormente referidos (*Tonho, Totonho*, por *Antônio*; *Quincas*, por *Joaquim*; *Zé, Zeca, Zequinha*, por *José*; *Zefinha*, por *Josefa*; *Jango, Jangão, Janjão*, por *João*; *Lula*, por *Luís* etc) 6) em outros, mais aparentemente arbitrários, o conjunto dessas práticas se situa, nos usos modernos, num extremo, formal, dos antropônimos civilmente registrados e canônicos, e, noutro extremo, mais informal ainda que os hipocorísticos, nos dos *apodos, alcunhas e vulgos*, muitos dos quais infamantes, ridiculizantes e impiedosos ⊙ ETIM gr. *hupokoristikós, ē, ōn* ‘acariciante, atenuante, suavizante’, na linguagem gramatical grega, ‘diminutivo’; f.hist. 1913 *hipocorístico*, 1913 *hypocorístico*.

Curiosamente, embora seja contra as adulterações em nomes próprios, eu mesmo fiz uso delas numa série de tiras que criei em outros tempos.

JU & JIGÁ

